

Uma virtude

O sistema de dois turnos na eleição presidencial está revelando suas virtudes. A primeira, que o inspirou, era evidente, a de garantir que nenhum Presidente chegue ao poder senão por delegação da maioria do eleitorado. O sistema multipartidário, operando num só turno eleitoral, carrega a impropriedade intrínseca de permitir a outorga do poder a maiorias relativas, do que resultam governos minoritários, essencialmente ilegítimos.

A nova virtude que identificamos no sistema é a de tornar impositivo o acordo interpartidário após o primeiro turno, dele resultando um programa de governo consensual entre partidos aliados. O que se passa neste momento no Brasil demonstra o valor do método. Ele dificulta a ascensão de programas radicais, como o do PT, por exemplo, dando lugar a um programa que congregue, pelo menos nas suas linhas gerais, a proposta sindicalista do PT, a proposta socialista do PCB e a social-democracia do PDT. Isto é saudável para o País.

Não cremos na eficiência econômica ou social dos dois pontos extremos do espectro político, nem das ideologias. As atitudes radicais que devemos tomar, como o combate à corrupção, por exemplo, são comuns, ou devem ser comuns, a todos os partidos, independentemente da sua coloração política. Quanto ao método da repartição da riqueza entre o capital e o trabalho, quanto à fixação dos papéis que cabem ao capital nacional e ao capi-

tal estrangeiro, quanto à natureza da nossa inserção no contexto internacional e quanto a muitas outras variáveis do processo do desenvolvimento, os radicalismos têm demonstrado impropriedade. O sistema de turno único, como vemos agora, eventualmente poderia fazer triunfar uma maioria relativa portadora de proposta sem base social ampla.

Os fatos, por cima das conveniências de cada partido e de cada candidato em particular, farão com que os partidos de esquerda e de centro-esquerda elaborem agora um programa comum, que não será o programa do PDT ou do PT, isoladamente, conquanto guarde certo nível de identidade com cada um deles. São os fatos que assim o exigem, porque nenhum partido de esquerda revelou-se capaz de enfrentar sozinho o desafio do segundo turno. O fenômeno poderia ter ocorrido também no espectro oposto, o da direita, se tivesse havido importante fragmentação dos votos entre eles. Não houve. De qualquer modo, o programa do candidato vitorioso não é radical, conquanto seja nitidamente de centro-direita.

Há fundadas esperanças de que a campanha do segundo turno, excitante embora, não seja a luta entre posições radicalmente opostas. Teremos o confronto político claro entre tendências diferentes mas sem riscos de derraparmos para o sectarismo de direita ou de esquerda. É a grande virtude do sistema de dois turnos, uma experiência vitoriosa.